



LINEU ROQUE ACEIRO

A VIDA É BOA

Estava eu, uma tardezinha, praticando cadenciada caminhada no calçadão do Centro Cultural, próximo à Academia Guarulhense de Letras. Concentrado naquela prática vespertina, observava o esplendor e vivacidade do lugar - palco de inesquecíveis entretenimentos e culturas várias - quando vislumbro, a distância, gente conhecida.

Num gesto ameno, levanto a mão para os amigos sexagenários que tomaram assento no consolo de um banco de cimento, colocado pela Prefeitura ao redor do belo lago no Parque Balneário de Vila Galvão. Mas os companheiros, estranhamente, não retribuíram ao aceno amigo, ainda que rápido, mas pouco distante. O que teria acontecido?

É que, na mocidade, os olhos límpidos e curiosos vão a distâncias consideráveis; na velhice, entretanto, turvos e cansados fitam de perto, em minúcias. Pobres amigos velhos, não perceberam a minha manifestação, viram apenas um vulto marchando e depois de por mim repreendidos, desculparam-se indagando para eles mesmos: O que é feito de nossa mocidade? Nossa força e nossa eficaz vivacidade - qualidades que não se podem substituir - e, sem perceber, troquei-as por um modesto bastão. E hoje quando passo de volta para casa vindo da bocha, a gurizada pasma, boquiaberta, fica horrorizada como quem vê um fantasma, é um esqueleto humano que assim vai, cambaleando, quase cai, não cai...

~~Um dia, exilado em Cannes, conversava o Imperador Pedro II com alguns brasileiros lá hospedados, quando declarou, gravemente:~~

~~- Se eu não fosse Imperador, desejaria ser professor. Não conheço missão maior e mais nobre que a de dirigir as inteligências juvenis e preparar os homens do futuro!~~

CONSIDERAÇÃO SENSATA

Após a leitura do seu livro, belo livro, eu tenho agora novos olhares sobre parte do passado de nossa história. O que nos ensinaram e o que assimilamos até esta quadra de nossa existência é que os senhores inconfidentes eram homens nacionalistas, sem riquezas e que apenas lutavam por um ideal patriótico – avesso à irregularidades, posse de bens materiais e aventuras ambiciosas.

Na verdade, esta venturosa obra histórica de autoria do Confrade André Figueiredo nos revela, em narrativa de pesquisas de fôlego, que uma corrupção desenfreada já existia nas Minas Gerais dos conjurados e que aqueles brasileiros lutavam, também, pelos seus próprios interesses, bem como de dependentes e familiares. Ao final da Devassa e Autos de Sequestros, Portugal pouco ou quase nada lucrou com os confiscos aplicados – pois eram tantos a bandalheira, corrupção e o suborno que as famílias dos implicados perderam apenas bens insignificantes, sendo a fortuna dos inconfidentes preservada.

Surge assim uma nova visão sobre este importante capítulo da História do Brasil. Os conjurados, além de terras a perder de vista, eram proprietários das mais diversas fontes de riqueza - mineração, agricultura, engenho de álcool e açúcar, capitalismo – compravam juízes, autoridades, membros de famílias influentes, inclusive, mulheres para resguardar a maior parte dos seus patrimônios.

Provocavam intrigas, penhoravam mancípios, utensílios domésticos, pratarias, terras e de tudo idealizavam para lesar a Coroa Portuguesa.

Tiradentes, cuja bisavó teria nascido em Conceição dos Guarulhos (in *Guarulhos Cidade Símbolo* – A. V. Noronha), Aires Gomes, Alvarenga Peixoto, entre outros conjurados de grande notoriedade, usaram com picardia de velhas práticas para onerar e sonegar da Soberania Monárquica bens de altas somas e que não foram relacionados no confisco decretado. A leitura de *A Fortuna dos Inconfidentes* é um refrigério para a alma da gente, enriquece a literatura nacional, além de formar novo juízo, uma nova ação, do que foi realmente o cenário atuante da aludida conspiração, mostrando-nos, com informações distintas, a vida, usos e costumes daquela gente revolucionária.

Afora essas anotações – a correspondência enviada por Bárbara Eliadora Guilhermina da Silveira ao contratador João Rodrigues de Macedo, expondo suas dificuldades na administração de seus negócios e pedindo que arrematasse a metade de seus bens para formar com ela uma sociedade, porque receava se envolver com pessoa estranha, é uma pequena peça literária de rara beleza, escrita com graça por pessoa que muito bem conhece e domina a grafia da época (1795), causando em nós, passadistas, momentos de grande prazer, notadamente nestes tempos – quando nossos professores são orientados para ensinar a escrever de forma deselegante, incorretamente, fugindo do que pede a ortografia brasileira:

Enfim, meu compadre, é esta a ocasião de mostrar que é todo o meu amparo, nas amarguras que me rodeiam: eu não tenho outro abrigo, e que será de mim e de meus tristes filhos, se nos faltar a sua proteção? É isto que me basta para a nossa total ruína; eu, por mim só, nada, nada me afligiria porque, depois de perder o meu marido (e que marido) e por modo tão lastimoso, não quero senão chorar toda a vida. (Eliadora)

E Alvarenga Peixoto, ouvidor da Comarca de Rio das Mortes, célebre inconfidente, dono de várias sesmarias, passa para a história com a fama obscura de mau pagador...

Querem mais? Leiam o livro.

Parabéns ao historiador André Figueiredo Rodrigues.

Vida e saúde para nos trazer outras produções convincentes, tão interessantes como esta.

(Guarulhos, 8 de junho de 2011)